

Intervenção do Primeiro-Ministro na Homenagem a Amália Rodrigues por ocasião do Centenário do seu Nascimento

**Panteão Nacional
6 de outubro de 2020**

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa,

Senhora Ministra da Cultura,

Senhora Diretora do Panteão Nacional,

Meu Caro Rui Vieira Nery,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Hoje curvamo-nos perante a memória de Amália Rodrigues, no ano em que celebramos o seu Centenário.

Quando, em 2011, a UNESCO integrou o Fado na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, foi com a voz de Amália que o assinalámos e celebrámos, lá longe, em Bali.

Estávamos a encerrar a sessão. A votação do Fado foi a última. Muitos dos delegados já estavam de pé. O recinto era imenso. Não estando lá fisicamente, Amália fez-se ouvir graças a uma gravação que, de forma improvisada, encostámos

a um microfone. E, com a sua voz, desta forma tão distante transportada até Bali, sentaram-se de novo os milhares de assistentes e delegados de todo o mundo que, provavelmente, sem perceberem uma palavra de português, sentiram naquela sonoridade a razão pela qual o Fado era Património da Humanidade.

Para quem pôde assistir, como a diretora do Museu do Fado, Sara Pereira, o musicólogo Rui Vieira Nery, ou eu próprio, foi seguramente um dos momentos mais emocionantes das nossas vidas. Em que pudemos testemunhar por que é que, a partir de Amália, o Fado já era do mundo e de toda a Humanidade.

Ao ouvir o Fado, é a nós próprios que ouvimos. Lisboa, os seus bairros, os seus traços, a nossa História e a nossa cultura, o *Marinheiro Português* ou a *Rosinha dos Limões*. Amália, aliás, dizia: “Tenho qualquer coisa em mim de Portugal que as pessoas sentem”.

Mas o Fado é, acima de tudo, uma emoção. Por isso, independentemente de se conhecer ou não a nossa língua, todos são capazes de sentir o Fado. Para além da letra e da música, o Fado é também a interpretação que expressa um sentimento. E essa expressão do sentimento é o que lhe dá a sua universalidade.

O legado de Amália Rodrigues permanece intemporal. Há um Fado antes e um Fado depois de Amália. O Fado que hoje temos, que foi legado às novas gerações, é o Fado que Amália soube reinterpretar e reinventar. Rui Vieira Nery já aqui recordou a forma como Amália trouxe para o Fado os poetas do seu tempo, os poetas de antanho, os poetas do nosso país. Mas Amália também soube dar uma nova musicalidade ao Fado, resgatando-o do travo ácido da taberna e libertando-o para uma melodia que, não sendo ainda dançante, é uma melodia que dança nos ouvidos.

Amália não nasceu num país livre, mas libertou esse país. Libertou-o nos versos que cantou e nos compositores a que deu voz. Isso é algo que importa sublinhar porque permitiu a redescoberta do Fado como estando acima de qualquer regime que o procure apropriar.

Foi esta modernidade que Amália introduziu que permitiu ao Fado ganhar nova vida, encontrar novas vozes, novos compositores, novos intérpretes. E assim vai continuando a ser, geração após geração. Daqui a pouco, ouviremos Gaspar Varela, seu sobrinho-neto, expoente da nova geração de intérpretes do Fado.

Hoje estamos aqui reunidos para homenagear Amália Rodrigues. Para lhe expressar a nossa gratidão, o nosso reconhecimento pelo muito que fez e pela forma como prestigiou Portugal e a nossa cultura.

Amália foi a primeira mulher a entrar no Panteão Nacional e aqui repousa, ao lado de poetas. As Comemorações do Centenário do seu nascimento, que se estendem até julho do próximo ano, são uma ocasião ímpar para voltar a descobri-la. A melhor forma de o fazer é, simplesmente, ouvi-la.

Muito obrigado.